

# O Chamado de Cthulhu

H. P. Lovecraft – Obra publicada em Fevereiro de 1928





# O CHAMADO DE CTHULHU

(Encontrado entre os papéis do falecido Francis Wayland Thurston, de Boston)

“No que tange a tais grandes poderes ou seres, pode-se conceber uma sobrevivência... Uma sobrevivência de um período extremamente remoto, quando a consciência talvez se manifestasse por meio de formas e linhas há muito desaparecidas, antes da maré crescente da humanidade... Formas das quais somente a poesia e a lenda guardam uma lembrança fugaz, chamei-as de deuses, monstros, seres míticos de todos os tipos e espécies...” – Algernon Blackwood

I.

## *O horror no barro*

A coisa mais misericordiosa do mundo, penso eu, é a incapacidade da mente humana de correlacionar todo o seu conteúdo. Vivemos em uma ilha plácida de ignorância no meio dos mares negros do infinito,

e isso não significa que devemos ir muito longe. As ciências, cada uma esforçando-se em sua própria direção, até agora nos prejudicaram pouco, mas algum dia a junção de todo esse conhecimento fragmentado levará a visões aterrorizantes da realidade e de nossa assustadora posição, quando enlouqueceremos diante da revelação ou fugiremos da luz mortífera para a paz e a segurança de uma nova era das trevas.

Os teosofistas presumiram a espantosa grandeza do ciclo cósmico, em que nosso mundo e nossa raça humana formam nada mais que incidentes efêmeros. Eles sugeriram estranhos sobreviventes em termos que fariam nosso sangue congelar se não fossem mascarados por um otimismo insípido. Mas eles não foram responsáveis pelo único vislumbre de éons proibidos que me arrepiam quando penso no assunto e me enlouquecem em sonhos. Esse vislumbre, como todos os vislumbres assustadores da verdade, brotou de uma junção accidental de coisas separadas; nesse caso, um velho artigo de jornal e as anotações de um professor já falecido. Espero que ninguém mais o faça. Certamente, se eu viver, nunca fornecerei um elo sequer para uma corrente tão horrenda. Acredito que o professor também pretendia manter silêncio sobre o que sabia, e teria destruído suas anotações se a morte não tivesse se apoderado dele subitamente.

Meu conhecimento sobre o tema começou no inverno de 1926-27, com a morte do meu tio-avô George Gammell Angell, professor emérito de Línguas Semíticas da Universidade Brown, em Providence, Rhode Island. O professor Angell era amplamente conhecido como uma autoridade em inscrições antigas e frequentemente tinha seus serviços utilizados por chefes de importantes museus, de modo que seu falecimento, aos 92 anos de idade, é lembrado por muitas pessoas. Localmente, o interesse foi intensificado pela obscuridade da causa de sua morte. O professor caiu enquanto voltava de barco de Newport. Tombou repentinamente, conforme testemunhas disseram, depois de esbarrar fortemente em um homem negro de aparência de

marinheiro que tinha vindo de um dos estranhos pátios escuros na encosta íngreme que servia de atalho entre a orla e a casa do falecido, na rua Williams. Os médicos foram incapazes de encontrar qualquer problema aparente, mas concluíram, depois de debaterem a causa, que alguma lesão cardíaca obscura, induzida pela rápida escalada de uma colina tão íngreme por um homem tão idoso, foi responsável por seu fim. Na época, não vi razão para discordar desse consenso, mas ultimamente estou inclinado a imaginar – e mais do que imaginar.

Como herdeiro e testamenteiro de meu tio-avô, que morrera sem deixar esposa nem filhos, esperava-se que eu examinasse seus documentos com alguma seriedade, e foi com esse propósito que enviei todo o seu conjunto de arquivos e caixas para os meus aposentos em Boston. Uma grande parte do material que correlacionei será publicado mais tardiamente pela American Archaeological Society, mas havia uma caixa extremamente intrigante, e me senti muito avesso a que outros olhos a vissem. Ela estava trancada e eu não encontrava a chave, até que me ocorreu examinar o chaveiro que o professor carregava sempre no bolso. Então, na verdade, consegui abri-la, mas, quando o fiz, tive de transpor uma barreira ainda maior e mais difícil. Qual seria o significado do estranho baixo-relevo em argila e das anotações, das divagações e dos recortes desconexos que encontrei? Será que meu tio-avô, em seus últimos anos, tornou-se crédulo das imposturas mais superficiais? Resolvi procurar o excêntrico escultor responsável por essa aparente perturbação da paz de espírito de um idoso.

O baixo-relevo era um retângulo áspero com menos de 2,5 centímetros de espessura e cerca de 12,7 por 15,7 centímetros de área; obviamente, tinha origem moderna. Os entalhes, no entanto, estavam longe de apresentar uma atmosfera moderna, pois, embora os caprichos do cubismo e do futurismo sejam diversos e selvagens, eles nem sempre reproduzem essa regularidade enigmática que se esconde nas escritas pré-históricas. E a maior parte desses detalhes

parecia certamente ser algum tipo de escrita, mas minha memória, apesar da grande familiaridade com os papéis e as coleções de meu tio-avô, não conseguia de alguma forma identificar essa espécie em particular, nem mesmo sugerir suas afiliações mais remotas.

Acima desses hieróglifos aparentes havia um entalhe evidentemente pictórico, embora sua execução impressionista proibisse uma ideia muito clara sobre sua natureza. Parecia ser uma espécie de monstro, ou um símbolo representando um monstro, de uma maneira que só uma mente doentia poderia conceber. Se eu disser que minha imaginação um pouco extravagante produziu imagens simultâneas de um polvo, um dragão e uma caricatura humana, não serei infiel ao espírito da coisa. Uma cabeça carnuda e tentacular se sobrepujava de um corpo grotesco e escamoso com asas rudimentares, mas a silhueta era o que tornava a criatura ainda mais assustadora. Por trás da figura havia uma vaga sugestão de um pano de fundo arquitetônico ciclópico.

A anotações que acompanhavam esse estranho objeto, além de uma pilha de recortes de imprensa, continham a mais recente caligrafia do professor Angell, e não fingiam um estilo literário. O que parecia ser o documento principal estava intitulado “O CULTO A CTHULHU” em caracteres meticulosamente desenhados para evitar a leitura errônea de uma palavra tão inédita. O manuscrito foi dividido em duas seções, a primeira das quais foi intitulada “1925 – Sonho e Obra de H. A. Wilcox, rua Thomas 7, Providence, RI”, e a segunda, “Relato do Inspetor John R. Legrasse, rua Bienville 121, Nova Orleans, Louisiana, Congresso da

A. A. S. em 1908. – Notas sobre o Insp. e Depoimento do Professor Webb”. Os outros artigos do manuscrito eram todos notas breves, algumas delas relatos dos estranhos sonhos de diferentes pessoas, alguns deles citações de livros e revistas teosóficas (notavelmente de Atlantis e de W. Scott-Elliot), e o restante comentava sobre sociedades secretas e cultos misteriosos que sobrevivem há tempos, com



referências a passagens em fontes mitológicas e antropológicas como O ramo de de Frazer, e O Culto da Bruxa na Europa de Margareth Murray. Os recortes aludiam em grande parte às doenças mentais bizarras e aos surtos de loucura ou de histeria coletiva na primavera de 1925.

A primeira metade do manuscrito principal contava uma história muito peculiar. Parece que, no dia 1º de março de 1925, um jovem magro e moreno, de aspecto neurótico e exaltado, havia procurado o professor Angell trazendo o singular baixo-relevo de barro, que estava então extremamente úmido e fresco, em mãos. Seu cartão tinha o nome de Henry Anthony Wilcox, e meu tio-avô o reconheceu como o filho mais novo de uma excelente família que ele conhecia pouco, que estudara escultura na Escola de Design de Rhode Island e morava sozinho no Edifício Fleur-de-Lys, perto dessa instituição. Wilcox era um conhecido jovem precoce, de grande excentricidade, e desde a infância despertara a atenção de todos pelas estranhas histórias e sonhos inusitados que costumava contar. Ele mesmo dizia sofrer de uma “hipersensibilidade psíquica”, mas o povo sério da antiga cidade comercial o tratava meramente como “estranho”. Nunca se misturava muito com os de sua espécie, havia negado gradualmente a visibilidade social e agora era conhecido apenas por um pequeno grupo de estetas de outras cidades. Até mesmo o Providence Art Club, preocupado em preservar seu conservadorismo, achava-o um caso totalmente perdido.

Na ocasião da visita, de acordo com o manuscrito do professor, o jovem escultor recorreu abruptamente ao conhecimento arqueológico do seu anfitrião para identificar os hieróglifos no baixo-relevo. Falava de uma maneira sonhadora e empolada, que sugeria uma certa pose e falta de simpatia; e meu tio-avô demonstrou certa nitidez ao responder, pois o frescor conspícuo da tabuleta indicava falta de parentesco com a arqueologia. A réplica do jovem Wilcox, que impressionou meu tio-avô o suficiente para fazê-lo recordar-se dela

mais tarde e registrá-la literalmente, palavra por palavra, era de um viés fantasticamente poético que deve ter permeado toda a sua conversa, e que desde então achei altamente característico dele. Ele disse: “É recente, de fato, porque eu a criei na noite passada, depois de sonhar com cidades estranhas; e os sonhos são mais antigos do que as reminiscências de Tiro, ou a contemplativa Esfinge, ou a Babilônia cercada por jardins”.

Foi então que ele começou um relato desconexo que, de repente, tocou uma lembrança adormecida e conquistou o interesse febril de meu tio-avô. Houve um ligeiro tremor de terra na noite anterior, o mais considerável na Nova Inglaterra durante alguns anos, e a imaginação de Wilcox foi profundamente afetada. Ao se deitar, ele teve um sonho sem precedentes com grandes cidades ciclópicas feitas de blocos titânicos e grandes monólitos, todos cheios de uma gosma verde e sinistra com o horror latente. Os hieróglifos cobriam as paredes e os pilares, e de algum ponto indeterminado havia surgido uma voz que não era uma voz; uma sensação caótica que só a fantasia poderia transmutar em som, mas que ele tentou processar pela mistura quase impronunciável de letras: “Cthulhu fhtagn”.

Essa desordem verbal foi a chave para a lembrança que empolgou e perturbou o professor Angell. Ele questionou o escultor com rigor científico e estudou com intensidade quase frenética o baixo-relevo em que o jovem se encontrava trabalhando, com frio e vestido apenas com suas roupas de dormir, até que a vigília o pegasse de surpresa desconcertantemente. Meu tio-avô culpou sua velhice, segundo Wilcox, por sua lentidão em reconhecer hieróglifos e desenhos pictóricos. Muitas de suas perguntas pareciam muito fora de propósito para seu visitante, especialmente aquelas que tentavam conectá-lo com estranhos cultos ou sociedades, e Wilcox não conseguia entender as repetidas promessas de silêncio que lhe foram oferecidas em troca da admissão em alguma seita mística ou pagã amplamente difundida. Quando o professor Angell se convenceu de

que o escultor era realmente ignorante de qualquer culto ou sistema de conhecimento críptico, impôs cerco ao visitante com exigências de relatos futuros de sonhos. Isso resultou em bons frutos regularmente, porque, depois da primeira entrevista, o manuscrito registrava visitas diárias do jovem, durante as quais ele relacionava fragmentos surpreendentes de paisagens noturnas cujo mote era sempre alguma terrível visão ciclópica de uma pedra escura e gotejante, com uma voz ou uma inteligência subterrânea soando monotonamente como impactos indescritíveis, exceto pelos sussurros. Os dois sons repetidos com mais frequência são aqueles representados pelas letras “Cthulhu” e “R’lyeh”.

Em 23 de março, o manuscrito continuou, mas Wilcox não apareceu. Investigações em seus aposentos revelaram que ele havia sido atingido por um tipo obscuro de febre e levado para a casa de sua família na rua Waterman. Ele berrara durante toda a noite, despertando vários outros artistas no prédio, e manifestara desde então apenas alternâncias entre inconsciência e delírio. Meu tio telefonou imediatamente para a família e, daquele momento em diante, acompanhou o caso de perto, ligando frequentemente para o escritório do dr. Thobey, na rua Thayer. A mente febril do jovem, aparentemente, meditava sobre coisas estranhas, e o médico estremeceu enquanto falava delas. Não era apenas uma repetição do que ele havia sonhado anteriormente, mas versavam selvagemente sobre uma coisa gigantesca, de “metros de altura”, que alternava entre andar e se arrastar. Em momento algum ele descreveu completamente esse ser, mas ocasionais palavras frenéticas, repetidas pelo dr. Tobey, convenceram o professor de que ele deveria ser idêntico à monstruosidade sem nome que ele procurara retratar em sua escultura. A referência a esse objeto, acrescentou o médico, era invariavelmente um prelúdio da entrega do jovem à letargia. Sua temperatura, curiosamente, não estava muito acima do normal, mas



toda a sua condição sugeria mais uma febre verdadeira do que um problema mental.

No dia 2 de abril, por volta das três da tarde, todos os vestígios da doença de Wilcox cessaram repentinamente. Ele se sentou na cama, espantado por se encontrar em casa e completamente ignorante em relação ao que acontecera em sonho ou realidade desde a noite de 22 de março. Depois que o médico declarou que estava bem, ele retornou aos seus aposentos em três dias, no entanto não conseguiu mais ser de algum valor para o professor Angell. Todos os vestígios de sonhos estranhos tinham desaparecido com a sua recuperação, e meu tio não manteve nenhum registro de seus pensamentos noturnos depois de uma semana de relatos inúteis e irrelevantes de visões completamente usuais.

Aqui termina a primeira parte do manuscrito, mas as referências a algumas das anotações dispersas me deram muito o que pensar – tanto, de fato, que apenas o ceticismo arraigado formador de minha filosofia poderia explicar minha contínua desconfiança em relação ao artista. As anotações em questão eram descritivas dos sonhos de várias pessoas cobrindo o mesmo período em que o jovem Wilcox recebeu suas estranhas visitas. Meu tio, ao que parece, instituiu rapidamente um corpo prodigiosamente extenso de investigações entre quase todos os amigos que ele podia questionar, solicitando relatos noturnos de seus sonhos e as datas de quaisquer visões notáveis surgidas naquela época. As atitudes ante seu pedido parecem ter sido variadas, mas ele deve, no mínimo, ter recebido mais respostas do que qualquer homem comum poderia ter tratado sem o auxílio de uma secretária. Essa correspondência original não foi preservada, mas suas anotações formavam um resumo completo e realmente significativo. As pessoas comuns, envolvidas na sociedade e nos negócios locais – o tradicional “sal da terra” da Nova Inglaterra – deram uma resposta quase sempre completamente negativa, embora casos esparsos de impressões noturnas inquietas mas sem

forma apareçam aqui e ali, sempre entre 23 de março e 2 de abril – o período de delírio do jovem Wilcox. Os homens das ciências foram um pouco menos afetados, embora quatro casos de descrição vaga sugiram vislumbres fugidios de paisagens estranhas, e em um caso mencionou-se um medo de algo sobrenatural.

As respostas mais pertinentes vieram dos artistas e dos poetas, e sei que o pânico teria se espalhado se tivessem sido capazes de comparar suas anotações. Da maneira como estava, faltando-lhes as cartas originais, eu quase suspeitava que o compilador tivesse feito perguntas tendenciosas ou tivesse editado a correspondência para refletir o que ele havia deliberadamente decidido ver. É por isso que continuei a sentir que Wilcox, de algum modo consciente dos antigos dados que meu tio possuía, quisesse se aproveitar do veterano cientista. As respostas dos estetas contaram uma história perturbadora. De 28 de fevereiro a 2 de abril, grande parte deles sonhara com coisas muito bizarras, sendo a intensidade dos sonhos imensamente mais forte durante o período do delírio do escultor. Mais de um quarto relataram cenas e sons parecidos com os que Wilcox descrevera; e alguns confessaram o medo agudo da gigantesca coisa sem nome visível nos últimos sonhos. Um caso, descrito enfaticamente nas anotações, foi particularmente triste. O sujeito, um arquiteto amplamente conhecido com inclinações para a teosofia e o ocultismo, ficou violentamente insano na data em que o jovem Wilcox adoeceu, vindo a falecer vários meses depois, após gritar incessantemente que fosse salvo de um habitante foragido do inferno. Se meu tio tivesse se referido a esses casos pelo nome, em vez de simplesmente pelo número, eu poderia tentar alguma corroboração e iniciado uma investigação pessoal, mas, da maneira como tudo aconteceu, consegui descobrir apenas alguns deles. Todos, no entanto, comprovavam as anotações na íntegra. Muitas vezes me perguntei se todos os que foram objeto do questionamento do

professor pareciam tão confusos quanto esse grupo. É bom que nenhuma explicação jamais chegue até eles.

Os recortes de materiais da imprensa, como eu sugeri, versavam sobre casos de pânico, mania e excentricidade durante o mesmo período. O professor Angell deve ter colocado um departamento apenas para fazer os recortes, pois o número de notas era enorme, e as fontes estavam espalhadas ao redor do mundo. Havia uma sobre um suicídio noturno em Londres, quando um adormecido solitário saltou de uma janela depois de dar um grito horripilante. Também havia uma carta para o editor de um jornal na América do Sul, em que um fanático deduz um futuro terrível de acordo com visões que teve. Um despacho da Califórnia descreve uma colônia de teosofistas vestindo macacões brancos em massa e aguardando alguma “realização gloriosa” que nunca chega, enquanto os recortes da Índia falam cautelosamente de graves conflitos entre nativos no final de março. As orgias voduns se multiplicavam no Haiti, e os postos avançados africanos relatavam murmúrios sinistros. Oficiais americanos nas Filipinas achavam que certas tribos estavam incômodas nessa época, e os policiais de Nova York se viram cercados por levantinos histéricos na noite de 22 para 23 de março. O oeste da Irlanda também estava cheio de boatos e lendas, e um fantástico pintor chamado Ardois-Bonnot exibiu uma obra blasfêmia chamada “Dream Landscape” no salão de primavera de Paris em 1926. E tão numerosos eram os problemas registrados em hospícios que somente um milagre poderia ter impedido a classe médica de notar paralelismos estranhos e chegar a conclusões mistificadas. Em geral, havia um monte de estranhos recortes e, dito isso, neste momento mal posso conceber o racionalismo insensível com o qual os pus de lado.

No entanto, fiquei convencido de que o jovem Wilcox sabia dos assuntos mais antigos mencionados pelo professor.

## II.

### *O relato do inspector Legrasse*

Os assuntos mais antigos, que haviam tornado o sonho e o baixo-relevo do escultor tão significativos para o meu tio, formavam o tema da segunda metade de seu longo manuscrito. Uma vez antes, parece, o professor Angell tinha visto os contornos infernais daquela monstruosidade sem nome, indagado sobre os hieróglifos desconhecidos, e ouvido as sinistras sílabas que só podem ser traduzidas como “Cthulhu”, e tudo isso em uma conexão tão assustadora e horrível, que não é de admirar que ele perseguisse o jovem Wilcox com perguntas e demandas por mais informações.

A experiência anterior ocorrera em 1908, dezessete anos antes, quando a American Archaeological Society realizou seu congresso anual em St. Louis. O professor Angell, por sua autoridade e suas realizações, teve um papel proeminente em todas as deliberações e foi um dos primeiros a ser abordado pelos vários estranhos que aproveitaram o local para fazer perguntas e sugerir problemas a fim de que especialistas pudessem solucioná-los.

O chefe desses forasteiros, foco de interesse de todo o congresso, era um homem de meia-idade e aparência comum que viajara desde Nova Orleans para obter informações especiais que não podiam ser obtidas de nenhuma fonte local. Seu nome era John Raymond Legrasse, e era inspetor da polícia. Viajava com ele o assunto de sua visita: uma estatueta de pedra grotesca, repulsiva e aparentemente muito antiga, cuja origem ele não conseguia determinar. Não pense que o inspetor Legrasse tinha o menor interesse em arqueologia. Pelo contrário, seu desejo de esclarecimento foi motivado por considerações puramente profissionais.

A estatueta, o ídolo, o fetiche ou o que quer que fosse havia sido capturado alguns meses antes nos pântanos arborizados ao sul de Nova Orleans durante uma operação policial em um suposto ritual

vodu, e tão singulares e hediondos eram os ritos ligados a ela, que a polícia não podia deixar de perceber que havia encontrado um culto maligno totalmente desconhecido e infinitamente mais diabólico do que o mais obscuro dos círculos voduns africanos. De sua origem, além dos contos erráticos e inacreditáveis extorquidos dos membros capturados, absolutamente nada poderia ser descoberto, daí a ansiedade da polícia por qualquer conhecimento que pudesse ajudá-los a entender o símbolo assustador e, por meio dele, rastrear o culto até sua fonte.

O inspetor Legrasse não estava preparado para o que viria por conta de seu relato. Uma única visão do objeto tinha sido o suficiente para fazer com que os homens da ciência se reunissem num estado de excitação tensa, e eles não perderam tempo em se aglomerar em torno dele para contemplar a figura diminuta cuja total estranheza e ar de antiguidade genuinamente abissal insinuavam tão poderosamente panoramas desconhecidos e antigos. Nenhuma escola de escultura reconhecida tinha criado esse objeto terrível, mas séculos e até milhares de anos pareciam registrados em sua superfície opaca e esverdeada de pedra indefinível.

O objeto, que passava devagar pelas mãos de cada homem para que pudesse ser feito um estudo atento e cuidadoso, tinha entre sete e oito polegadas de altura e um acabamento artístico requintado. Representava um monstro de contornos vagamente antropóides, mas com uma cabeça parecida com um polvo, cujo rosto era uma massa de antenas, de corpo escamoso e aspecto emborrachado, garras prodigiosas nas patas traseiras e dianteiras, além de asas longas e estreitas nas costas. Essa coisa, que parecia instintiva e com uma malignidade assustadora e sobrenatural, tinha uma corpulência um tanto inchada e se agachava maldosamente sobre um bloco ou pedestal retangular coberto de caracteres indecifráveis. As pontas das asas tocavam a parte de trás do bloco e o corpo ocupava o centro, enquanto as garras compridas e curvadas das patas traseiras

agarravam-se à borda da frente e se estendiam por um quarto do caminho em direção ao pedestal.

A cabeça do cefalópode estava inclinada para a frente, de modo que as extremidades dos tentáculos faciais roçavam o dorso das enormes patas dianteiras que seguravam os joelhos elevados. O aspecto do todo era anormalmente real, ainda mais temeroso, porque sua fonte era totalmente desconhecida. Sua idade vasta, impressionante e incalculável era inconfundível; contudo, nenhum elo mostrava qualquer tipo de arte que remetesse à juventude da civilização – ou mesmo a qualquer outro momento histórico. O próprio material de que era feito era um mistério, pois a pedra lisa, preto-esverdeada, com suas manchas e estrias douradas ou iridescentes não se assemelhava a nada familiar na geologia ou na mineralogia. Os caracteres ao longo da base eram igualmente desconcertantes; e nenhum membro presente, apesar de representar metade do conhecimento especializado mundial neste campo, poderia ter a menor noção até mesmo de seu parentesco linguístico mais remoto. Os hieróglifos, assim como o tema e o material, pertenciam a algo horivelmente remoto e distinto da humanidade como a conhecemos; algo assustadoramente sugestivo de ciclos de vida antigos e profanos nos quais nosso mundo e nossas concepções não se aplicam.

E, no entanto, quando os participantes do congresso balançaram a cabeça e confessaram a derrota diante do problema do inspetor, havia um homem no local com um toque de familiaridade bizarro com aquela forma e escrita monstruosas, e, naquele momento, contou o pouco que sabia com alguma timidez. Essa pessoa era o falecido William Channing Webb, professor de antropologia na Universidade de Princeton, um explorador de pouca importância. O professor Webb fora contratado, quarenta e oito anos antes, em uma excursão pela Groenlândia e Islândia, em busca de algumas inscrições rúnicas que ele não conseguiu encontrar e, ainda no alto da costa ocidental da Groenlândia, havia encontrado uma tribo singular ou culto de

esquimós degenerados cuja religião, uma forma curiosa de culto ao diabo, o deixou petrificado e gelado com sua deliberada sede de sangue e horror. Era uma fé de que outros esquimós pouco sabiam, e que eles mencionaram com calafrios, dizendo que era proveniente de éons muitíssimo antigos, quando o mundo nem mesmo havia sido criado. Além de ritos inomináveis e sacrifícios humanos, havia certos rituais estranhos dirigidos a um supremo demônio e ancestral, chamado e o professor Webb fez uma transcrição fonética de um velho ou velho bruxo-sacerdote, expressando os sons em alfabeto romano da melhor maneira possível. Mas agora era de primordial importância o fetiche que esse culto adorava, e em torno do qual dançavam quando a aurora surgia sobre os penhascos de gelo. Era, segundo declarou o professor, um baixo-relevo muito grosseiro de pedra, que compreendia uma imagem medonha e uma inscrição enigmática. E, até onde ele sabia, era um paralelo mal-acabado em todos os aspectos essenciais do artefato discutido naquele congresso.

Esses dados, recebidos com suspense e assombro pelos membros do congresso reunidos, revelaram-se duplamente incitantes para o inspetor Legrasse, e ele começou imediatamente a fazer perguntas ao informante. Tendo copiado em papel um rito oral feito pelos adoradores que seus homens haviam prendido no pântano, ele suplicou ao professor que se lembrasse, com o máximo de detalhes possível, das sílabas ditas pelos diabólicos esquimós. Seguiu-se então uma comparação exaustiva de detalhes e um momento de verdadeiro silêncio quando ambos, o detetive e o cientista, concordaram com uma frase comum a dois rituais diabólicos geograficamente muito distantes. O que, em substância, tanto os bruxos esquimós quanto os sacerdotes do pântano da Louisiana tinham cantado para seus ídolos afins era algo muito parecido com o que segue (as divisões das palavras sendo adivinhadas a partir de rupturas comuns na frase quando cantadas em voz alta):

*“Ph’nglui mglw’nafh Cthulhu R’lyeh wgah’nagl fhtagn.”*



Legrasse havia se adiantado em relação ao Professor Webb, pois vários de seus prisioneiros mestiços haviam repetido para ele o que celebrantes mais velhos haviam lhes transmitido. A tradução desse trecho era alguma coisa como:

*“Na casa em R’lyeh, o defunto Cthulhu aguarda sonhando.”*

E, nesse momento, em resposta a uma demanda geral e urgente, o inspetor Legrasse relatou com detalhes sua experiência com os adoradores do pântano, contando uma história à qual meu tio atribuía um profundo significado. A narrativa parecia um sonho louco dos criadores de mitos e dos teosofistas, e revelava um surpreendente grau de imaginação cósmica entre mestiços e párias que se poderia menos esperar possuí-la.

Em 1º de novembro de 1907, chegou à polícia de Nova Orleans um chamado urgente para ir até os pântanos e às lagoas ao sul. Os posseiros que ali habitavam, em sua maioria primitivos, mas bons descendentes dos homens de Lafitte, estavam sob terror absoluto por conta de alguma coisa desconhecida que lhes havia surgido durante a noite. Tratava-se de algum tipo de magia vodu, mas o vodu de um tipo mais terrível do que eles jamais haviam conhecido, e algumas de suas mulheres e crianças haviam desaparecido desde que os tambores malévolos haviam começado sua incessante batida no interior das florestas negras assombradas, onde nenhum habitante se aventurava chegar. Houve gritos insanos e urros angustiantes, cantos arrepiantes e chamadas demoníacas dançantes; e o mensageiro assustado acrescentou que os moradores não aguentavam mais aquilo.

Assim, um grupo de vinte policiais, que encheu duas carruagens e uma viatura, partiu no final da tarde tendo o posseiro trêmulo como guia. Eles desceram ao fim do trecho de estrada transitável e, por quilômetros, andaram em silêncio pela terrível floresta de ciprestes onde a luz do sol nunca chegava. Raízes horrorosas e laços de enforcamento malignos feitos de musgo espanhol os assediavam e, de

vez em quando, uma pilha de pedras úmidas ou fragmentos de uma parede apodrecida intensificavam a insinuação de alguma habitação mórbida, uma depressão que cada árvore malformada e cada mancha embolorada de fungos se combinavam para criar. Por fim, o povoado de posseiros, um amontoado miserável de cabanas, surgiu adiante, e os moradores histéricos correram na direção do grupo balançando suas lanternas. A batida abafada de tambor agora estava levemente audível muito, muito à frente, e um grito estridente surgia em intervalos infrequentes quando o vento mudava. Um clarão avermelhado também parecia filtrar-se através da vegetação rasteira e pálida além das avenidas intermináveis da noite da floresta. Relutantes até mesmo em ficarem sozinhos novamente, cada um dos posseiros intimidados se recusou a avançar mais um centímetro na direção da cena de adoração profana, então o inspetor Legrasse e seus dezenove colegas mergulharam rumo às arcadas negras de horror em que nenhum deles jamais havia pisado antes.

A região agora invadida pela polícia tinha reputação tradicionalmente malévola, substancialmente desconhecida e inexplorada pelos homens brancos. Havia lendas sobre um lago oculto jamais vislumbrado pelos mortais, em que habitava uma enorme coisa branca, sem forma e cheia de pólipos, com olhos luminosos, e os invasores sussurravam que demônios com asas de morcego voavam de cavernas subterrâneas para adorá-la à meia-noite. Eles disseram que a coisa já estava lá antes de D'Iberville, antes de La Salle, antes dos índios e antes mesmo das bestas e pássaros das florestas. Era um pesadelo, e vê-lo era como morrer. Mas tudo isso fazia os homens sonharem e, assim, eles se afastavam.

A orgia vodu estava, de fato, na periferia daquela abominável área, mas aquela localização já era ruim o suficiente; daí, talvez, o próprio lugar da adoração tenha aterrorizado os posseiros mais do que os sons e os incidentes chocantes.

Apenas a poesia ou a loucura podiam fazer justiça aos pedidos ouvidos pelos homens de Legrasse enquanto atravessavam o pântano negro em direção ao clarão vermelho e aos sons de tambores abafados. Existem qualidades vocais peculiares aos homens e qualidades vocais peculiares às bestas, e é terrível ouvir uma saindo da boca da outra.

A fúria animal e a libertinagem orgiástica aqui se elevavam a alturas sinistras por meio de uivos e gritos extasiados que rasgavam e reverberavam através daqueles bosques iluminados como tempestades pestilentas das profundezas do inferno. De vez em quando, os uivos cessavam e, a partir do que parecia um coro de vozes roucas e bem treinadas, surgia na canção aquela frase hedionda ou talvez um feitiço:

*“Ph’nglui mglw’nafh Cthulhu R’lyeh wgah’nagl fhtagn.”*

Então os homens, tendo atingido um ponto onde havia menos árvores, subitamente puderam observar o espetáculo em si. Quatro deles cambalearam, um desmaiou e dois foram acometidos por um grito frenético que a louca cacofonia da orgia, felizmente, amorteceu. Legrasse jogou água do pântano no rosto do homem desmaiado e todos ficaram tremendo e quase hipnotizados de horror.

Em uma clareira natural do pântano, havia uma ilha gramada de talvez um acre, livre de árvores e razoavelmente seca. Dela saía a horda mais indescritível de anormalidade humana que somente um Sime ou um Angarola poderiam pintar. Sem roupas, esses seres híbridos zurravam, berravam e se contorciam circulando uma monstruosa fogueira, no centro da qual, revelado por ocasionais rachaduras na cortina de chamas, havia um grande monólito de granito com uns oito pés de altura, em cima do qual, incongruente com sua pequena estatura, descansava a nociva estatueta esculpida. De um amplo círculo de dez estruturas montadas em intervalos regulares com o monólito cravado de chamas como centro suspenso,

de cabeça para baixo, pendiam os corpos estranhamente desfigurados dos posseiros indefesos que haviam desaparecido. Era de dentro desse círculo que a roda de adoradores saltava e rugia, da direita para a esquerda, no interminável Bacanal entre o círculo dos corpos e o círculo de fogo.

Pode ter sido apenas imaginação e podem ter sido apenas ecos que induziram um dos homens, um espanhol impressionado, a imaginar que ele ouvira respostas antifônicas ao ritual de algum ponto distante e não iluminado, mais profundamente dentro daquele bosque cheio de antigas lendas e horror. Mais tarde, conheci e questionei esse homem, Joseph D. Galvez, e ele provou ter imaginação fértil. De fato, ele chegou ao ponto de sugerir o leve bater de grandes asas, um vislumbre de olhos brilhantes e um enorme volume branco além das árvores mais remotas – mas suponho que ele estivesse ouvindo muita superstição dos nativos.

Na verdade, a pausa horrorizada dos homens foi de duração comparativamente breve. O dever veio em primeiro lugar e, embora houvesse quase cem celebrantes na multidão, a polícia recorreu a suas armas de fogo e mergulhou decididamente no meio daquele caos nauseante. Por cinco minutos, o ruído e o caos resultantes foram além de qualquer descrição. Houve golpes selvagens, tiros disparados e fugas, mas, no fim, Legrasse conseguiu contar cerca de quarenta e sete prisioneiros soturnos, aos quais ele forçou a se vestir com pressa e se alinhar entre duas filas de policiais. Cinco dos adoradores estavam mortos e dois foram levados gravemente feridos em macas improvisadas por seus companheiros de crime. A imagem do monólito, é claro, foi cuidadosamente removida e levada de volta por Legrasse.

Examinados na delegacia após uma viagem intensa e cansativa, todos os prisioneiros provaram ser homens de um tipo muito baixo, mestiços e mentalmente perturbados. A maioria eram marinheiros, e um punhado de negros e mulatos, em grande parte índios ocidentais

ou portugueses de Brava, em Cabo Verde, davam uma cor de vodú para o culto heterogêneo. Mas antes que muitas perguntas fossem feitas, ficou claro que algo muito mais profundo e antigo do que o fetichismo negro estava envolvido. Degradadas e ignorantes como eram, as criaturas possuíam surpreendente coerência com a ideia central de sua fé repugnante.

Eles adoravam, assim diziam, os Grandes Anciões que viveram muito antes de existirem homens e que vieram do céu para o novo mundo recém-criado. Aqueles Anciões já haviam desaparecido, dentro da terra e no fundo do mar, mas seus corpos mortos contaram seus segredos em sonhos para os primeiros homens, que formaram um culto que nunca cessou. Era esse culto que os prisioneiros seguiam, e disseram que eles sempre existiram e sempre existirão, escondidos em lugares distantes e escuros em todo o mundo até o tempo em que o alto sacerdote Cthulhu saísse de sua casa escura na poderosa cidade submersa de R'lyehs para dominar a Terra novamente. Algum dia ele faria o chamado, quando as estrelas estivessem na posição correta, e o culto secreto estaria sempre esperando para libertá-lo.

Enquanto isso, nada mais deveria ser dito. Havia um segredo que nem sob tortura era revelado. A humanidade não estava absolutamente sozinha entre os seres conscientes da Terra, pois formas surgiam da escuridão para visitar os poucos fiéis. Mas estes não eram os Grandes Anciões. Nenhum homem jamais viu os Anciões. O ídolo esculpido era o grande Cthulhu, mas ninguém poderia dizer se os outros eram ou não exatamente como ele. Ninguém mais sabia ler os antigos escritos agora, mas os fatos eram contados de boca em boca. Os cânticos rituais não eram segredo – ele nunca era dito em voz alta, mas apenas sussurrado. O cântico significava apenas isso: “Em sua casa em R'lyeh, o falecido Cthulhu aguarda sonhando”.

Apenas dois dos prisioneiros foram considerados sãos o suficiente para serem enforcados, e os demais foram enviados para várias instituições. Todos negaram fazer parte dos assassinatos rituais e

afirmaram que a morte tinha ocorrido por conta de Alados Negros que tinham vindo de sua imemorable assembleia na floresta assombrada. No entanto, jamais houve um relato coerente sobre esses aliados misteriosos. O que a polícia conseguiu descobrir sobre eles veio principalmente de um mestiço muito idoso chamado Castro, que alegou ter navegado por portos estranhos e conversado com líderes imortais do culto nas montanhas da China.

O velho Castro lembrou-se de pedaços de lendas medonhas que acabaram com as especulações dos teosofistas e fizeram o homem e o mundo parecerem recentes e momentâneos. Houve éons em que outras Coisas reinaram sobre a Terra, e elas foram responsáveis pela construção de grandes cidades. Ele afirmou que o chinês imortal havia lhe dito que os restos Delas ainda podiam ser encontrados como pedras ciclópicas em ilhas no Pacífico. Todas essas Coisas morreram muito antes de os homens chegarem à Terra, mas havia artes que poderiam fazê-los reviver quando as estrelas voltassem às posições certas no ciclo da eternidade. Elas, de fato, vieram das estrelas e trouxeram Suas imagens com Elas.

Esses Grandes Anciões, continuou Castro, não eram feitos de carne e osso. Eles tinham forma – a imagem em forma de estrela não provava isso? –, mas ela não era feita de matéria. Quando as estrelas estavam na posição correta, podiam mergulhar de mundo em mundo pelos céus, mas, quando as estrelas estavam na posição errada, não eram capazes de viver. Embora não mais vivessem, nunca morriam. Todos jaziam em casas de pedra na grande cidade de R'lyeh, preservados pelos feitiços do poderoso Cthulhu e aguardando uma ressurreição gloriosa, quando as estrelas e a Terra pudessem mais uma vez estar prontas para Eles. No entanto, naquela época, alguma força externa deveria ajudar a liberar seus corpos. Os feitiços que os preservavam intactos também impediam que eles fizessem um movimento inicial, e eles só podiam ficar acordados no escuro pensando, enquanto milhões de anos iam se passando. Eles sabiam

tudo o que estava ocorrendo no universo, mas seu modo de falar era transmitido como pensamento. Mesmo agora eles conversavam em seus túmulos. Quando, após eras infinitas, os primeiros homens chegaram aqui, os Grandes Anciões falaram com os sensatos entre eles por meio de seus sonhos, pois apenas dessa maneira a linguagem deles alcançaria as mentes carnis dos mamíferos.

Então, sussurrou Castro, aqueles primeiros homens formaram o culto aos pequenos ídolos que os Grandes Anciões haviam mostrado, os ídolos trazidos há muito tempo de estrelas escuras. Esse culto nunca morreria até que as estrelas voltassem a ficar em suas posições corretas, e os sacerdotes secretos então tirariam o grande Cthulhu de Seu túmulo para reviver com Seus súditos e retomar Seu domínio sobre a Terra. Era fácil saber qual seria esse tempo, pois a humanidade se tornaria como os Grandes Anciões: livre e selvagem e além do bem e do mal, com leis e moral jogadas de lado e todos os homens gritando, matando seus semelhantes e se divertindo com alegria. Então os Anciões liberados lhes ensinariam novas formas de gritar e matar, deleitar-se e divertir-se, e toda a Terra se inflamaria com um holocausto de êxtase e liberdade. Enquanto isso, o culto, por meio de ritos apropriados, manteria viva a memória daqueles caminhos antigos e profetizaria seu retorno.

Nos tempos mais antigos, os homens escolhidos conversavam com os Anciões sepultados por meio de sonhos, mas então algo aconteceu. A grande cidade de pedra R'lyeh, com seus monólitos e sepulturas, havia afundado sob as ondas; e as águas profundas, cheias do mistério primordial pelo qual nem mesmo o pensamento poderia passar, cortaram a comunicação espectral. Mas a memória nunca morre, e os sumos sacerdotes disseram que a cidade se levantaria novamente quando as estrelas estivessem na posição correta. Então os espíritos negros surgiram da Terra, mofados e sombrios, e cheios de rumores se recolheram em cavernas esquecidas no fundo do mar. Mas deles o velho Castro não ousou dizer muito. Ele cortou sua fala



apressadamente, e nenhuma persuasão ou sutileza poderiam convencê-lo do contrário. Também se recusou a mencionar o tamanho dos Anciões. Sobre o local do culto, achava que o centro dele estava em meio aos desertos da Arábia, onde Irem, a Cidade dos Pilares, sonha escondida e intocada. O culto não tinha relação com a bruxaria europeia e era praticamente desconhecido para além de seus membros. Nenhum livro jamais o sugeriu, embora os chineses imortais dissessem que havia dois significados no Necronomicon do árabe louco Abdul Alhazred que os iniciados poderiam ler como quisessem, especialmente este dístico muito discutível:

*“O que não morreu pode viver eternamente,  
E com éons estranhos até a morte pode morrer.”*

Legrasse, profundamente impressionado e um pouco desnorteado, perguntou em vão sobre as afiliações históricas do culto. Aparentemente, Castro dissera a verdade quando afirmou que era totalmente secreto. As autoridades da Universidade de Tulane não puderam esclarecer nada sobre o culto ou a imagem, e agora o detetive havia chegado às mais altas autoridades do país e se deparado com nada menos que a história sobre a Groenlândia do professor Webb.

O interesse febril despertado pelo relato de Legrasse no congresso, corroborado pela estatueta, foi ecoado na correspondência subsequente daqueles que lá compareceram, embora tenha havido pouca menção nas publicações formais da sociedade. A cautela é o primeiro cuidado daqueles que estão acostumados a enfrentar o charlatanismo e a impostura ocasionais. Por um tempo, Legrasse emprestou a imagem para o professor Webb, mas, com sua morte, ela foi devolvida e permanece em sua posse, como vi há pouco tempo. É realmente um objeto terrível e inequivocamente semelhante à escultura dos sonhos do jovem Wilcox.

A empolgação de meu tio-avô com a história do escultor não me surpreendeu, pois que pensamentos surgiram ao ouvir, depois de um conhecimento do que Legrasse havia aprendido do culto, de um jovem sensível que sonhara não só com a figura e o exato hieróglifo da imagem encontrada no pântano e da tabuleta do diabo da Groenlândia, mas tinham surgido em seus sonhos precisamente pelo menos três das palavras da fórmula ditas pelos diabolistas esquimós e mestiços louisianos?

A prontidão imediata do professor Angell nessa investigação foi eminentemente natural, embora, em particular, eu tenha suspeitado de que o jovem Wilcox tivesse ouvido falar do culto de alguma forma indireta e inventado uma série de sonhos para aumentar e continuar o mistério às custas do meu tio. As narrativas oníricas e os recortes coletados pelo professor foram, evidentemente, uma forte corroboração disso, mas o racionalismo de minha mente e a extravagância de todo o assunto me levaram a adotar o que achava ser as conclusões mais sensatas. Então, depois de estudar cuidadosamente o manuscrito novamente e correlacionar as anotações teosóficas e antropológicas com a narrativa de Legrasse sobre o culto, fiz uma viagem a Providence a fim de encontrar o escultor e repreender-lhe por ter se aproveitado de um homem erudito e idoso.

Wilcox ainda morava sozinho no Edifício Fleur-de-Lys, na rua Thomas, uma imitação vitoriana hedionda da arquitetura bretã do século XVII que ostenta sua fachada de estuque entre as adoráveis casas coloniais na montanha e sob a sombra do mais refinado campanário georgiano dos Estados Unidos. Encontrei-o trabalhando em seus aposentos e imediatamente deduzi, pelo que estava espalhado pelo local, que seu gênio era de fato profundo e autêntico. Ele será visto, creio eu, daqui a algum tempo, como um dos grandes decadentistas, pois cristalizou no barro e um dia há de espelhar no

mármore aqueles pesadelos e fantasias que Arthur Machen evoca em prosa, e Clark Ashton Smith torna visível na literatura e na pintura.

Escurecido e frágil, além de apresentar aspecto um tanto desleixado, Wilcox se virou languidamente quando bati na porta e me perguntou o que estava acontecendo sem se levantar. Quando eu lhe disse quem eu era, ele demonstrou algum interesse, pois meu tio despertou sua curiosidade ao sondar-lhe sobre seus estranhos sonhos, mas nunca explicou o motivo do estudo. Eu não me estendi a esse respeito, mas busquei com alguma sutileza trazê-lo para o meu lado. Em pouco tempo, convenci-me de sua absoluta sinceridade, pois ele falava dos sonhos de uma maneira inconfundível. Os sonhos e seus resíduos inconscientes haviam influenciado sua arte profundamente, e ele me mostrou uma estátua mórbida cujos contornos quase me fizeram tremer com a potência de sua negra sugestão. Ele não conseguia se lembrar de ter visto o original dessa coisa, exceto em seu próprio sonho com o baixo-relevo, mas os contornos se formaram de modo imperceptível sob suas mãos. Era, sem dúvida, a forma gigante que vira em seu delírio. Ele realmente não sabia nada sobre culto secreto, exceto pelo catecismo implacável de meu tio, e mais uma vez me esforcei para pensar em alguma maneira pela qual ele poderia ter recebido aquelas estranhas impressões.

Ele falou de seus sonhos de uma maneira estranhamente poética, fazendo-me enxergar com terrível vivacidade a úmida cidade ciclópica feita de pedras verdes cuja geometria, disse ele estranhamente, estava toda errada – e ouvir com assustada expectativa o chamado incessante, em parte mental, que vinha do subterrâneo: “Cthulhu fhtagn”,

“Cthulhu fhtagn”. Essas palavras faziam parte daquele ritual medonho que falava da vigília onírica de Cthulhu morto em seu jazigo de pedra em R’lyeh, e me senti profundamente comovido apesar de minhas crenças racionais. Certamente, Wilcox ouvira falar do culto casualmente e logo o esquecera em meio às suas muitas leituras e sua

imaginação igualmente esquisitas. Mais tarde, em virtude de sua pura impressividade, encontrou expressão subconsciente nos sonhos, no baixo-relevo e na terrível estátua que agora vejo, de modo que sua impostura sobre meu tio tinha sido muito inocente. Aquele jovem era de um tipo ao mesmo tempo levemente afetado e levemente mal-educado, do qual eu nunca poderia gostar, mas agora eu estava disposto o suficiente para admitir tanto sua genialidade quanto sua honestidade. Eu me despedi dele amigavelmente e lhe desejei todo o sucesso que seu talento lhe reservava.

A questão do culto continuava a me fascinar, e às vezes eu me imaginava famoso por minhas pesquisas sobre sua origem e suas conexões. Visitei Nova Orleans, conversei com Legrasse e outros membros do antigo grupo de busca, vi a imagem assustadora e até mesmo conversei com os prisioneiros mestiços que conseguiram sobreviver. O velho Castro, infelizmente, estava morto há alguns anos. O que eu ouvia agora em primeira mão, embora não passasse de uma confirmação detalhada do que meu tio escrevera, novamente me animou, pois tinha certeza de que estava no caminho de uma religião muito real, muito secreta e muito antiga, cuja descoberta me tornaria um antropólogo importante. Minha atitude ainda era de materialismo absoluto, como eu gostaria que ainda fosse, e desconsidere com perversidade quase inexplicável a coincidência entre as anotações sobre os sonhos e os estranhos recortes coletados pelo professor Angell.

Uma coisa de que comecei a suspeitar, e que agora temo saber, é que a morte do meu tio estava longe de ser natural. Ele caiu em uma rua estreita que levava a uma antiga zona portuária repleta de mestiços estrangeiros, depois de um encontrão descuidado com um marinheiro negro. Não me esqueci do sangue misturado e das atividades marítimas entre os membros do culto em Louisiana, e não ficaria surpreso ao saber de métodos secretos e agulhas venenosas tão implacáveis e tão antigas quanto os ritos e crenças ocultos.

Legrasse e seus homens, é verdade, foram deixados em paz, mas, na Noruega, um certo marinheiro que viu determinadas coisas está morto. Será que as investigações mais profundas de meu tio depois de encontrar os dados do escultor chegaram a ouvidos sinistros? Acho que o professor Angell morreu porque sabia demais, ou porque, provavelmente, estava prestes a saber demais. Talvez o mesmo aconteça comigo, pois também sei de muita coisa agora.

### III.

#### *A loucura do mar*

Se os céus alguma vez quiserem me proporcionar uma bênção, eles me trarão um apagamento total dos resultados de um mero acaso que fixou meu olhar em um certo pedaço de papel na prateleira da estante. Não era nada que eu perceberia naturalmente no decorrer de meu dia a dia, pois era um número antigo de um jornal australiano, o Sydney de 18 de abril de 1925. Ele escapara até mesmo do departamento de recortes, que na época coletou material avidamente para a pesquisa do meu tio.

Eu havia abandonado minhas investigações sobre o que o professor Angell chamava de “Culto a Cthulhu” e estava visitando um amigo em Paterson, Nova Jersey, que era curador de um museu local e mineralogista de destaque. Um dia, examinando os espécimes colocados nas prateleiras de armazenamento em uma sala dos fundos do museu, meu olhar foi capturado por uma foto estranha em um dos papéis velhos sob as pedras. Era o Sydney Bulletin que mencionei anteriormente, pois meu amigo tinha grandes contatos em todas as partes do mundo concebíveis, e a imagem mostrava uma pedra horrorosa quase idêntica àquela que Legrasse encontrara no pântano.

Limpei ansiosamente a folha para verificar seu precioso conteúdo e examinei o item detalhadamente. Fiquei desapontado ao perceber

que o tamanho não era suficiente para um exame mais minucioso. O que sugeria, no entanto, foi de grande significado para minha busca negligenciada, e então agi imediatamente. Junto da imagem, havia o seguinte texto:

*MISTERIOSA EMBARCAÇÃO ENCONTRADA NO MAR*

*O navio Vigilant chega rebocando um iate equipado e indefeso da Nova Zelândia.*

*Um sobrevivente e um homem morto foram encontrados a bordo.*

*Relato de batalha desesperada e mortes no mar.*

*Marinheiro resgatado se recusa a dar detalhes sobre a estranha experiência.*

*Ídolo estranho encontrado em sua posse. Será instaurado um inquérito.*

O cargueiro da Morrison Co., vindo de Valparaíso, chegou esta manhã ao cais do Porto de Darling, levando a reboque o combalido e desabilitado, mas fortemente equipado, iate de Dunedin, NZ, que foi avistado em 12 de abril na latitude sul 34°21', longitude Oeste 152°17' com um homem vivo e um morto a bordo.

O Vigilant deixou Valparaíso em 25 de março e em 2 de abril foi levado consideravelmente ao sul de seu curso normal por conta de tempestades e ondas monstruosas. Em 12 de abril, o navio foi avistado à deriva e, embora aparentemente desertado, continha um sobrevivente em estado semidelirante e um homem que evidentemente estava morto havia mais de uma semana. O homem vivo estava segurando um horrível ídolo de pedra de origem desconhecida, com cerca de trinta centímetros de altura, sobre cuja natureza as autoridades da Universidade de Sidney, a Royal Society e o Museu de College Street, todos professam completa

perplexidade, e que o sobrevivente diz ter achado na cabine do iate, em um pequeno santuário esculpido em padrão comum.

Esse homem, depois de recuperar seus sentidos, contou uma história extremamente estranha de pirataria e abate. Seu nome era Gustaf Johansen, um norueguês com alguma inteligência que havia sido segundo imediato da escuna de dois mastros de Auckland, que zarpara de Callao no dia 20 de fevereiro com uma tripulação de onze homens. disse ele, sofreu um atraso por ter sido lançada ao sul de seu curso original pela grande tempestade de 1º de março e, em 22 de março, na latitude sul 49°51' e longitude oeste 128°34', encontrou o composto por uma tripulação esquisita e de aparência maligna, composta por mestiços e canacas. O capitão Collins se recusou a acatar as ordens de recuar, e então a tripulação estranha começou a atirar selvagememente e sem aviso contra a escuna com uma bateria particularmente pesada de canhão que fazia parte do equipamento do iate. Os homens do Emma responderam ao combate, disse o sobrevivente, e, embora a escuna começasse a afundar, eles conseguiram se aproximar até o inimigo e abordá-lo, lutando com a tripulação selvagem no convés da navegação e sendo obrigados a matá-los todos, por estarem em número ligeiramente superior e também por conta de sua maneira de lutar particularmente repugnante e desesperada, embora um pouco desajeitada.

Três dos homens do incluindo o capitão Collins e o primeiro imediato Green, foram mortos; e os oito restantes, comandados pelo segundo imediato Johansen, começaram a navegar o iate capturado, indo em sua direção original para ver se existia algum motivo para o seu pedido de volta. No dia seguinte, eles atracaram em uma pequena ilha, apesar de se



saber que não existe nenhuma ilha nessa parte do oceano; e seis dos homens de alguma forma morreram em terra, embora Johansen seja estranhamente reticente sobre essa parte de sua história e fale apenas que todos caíram de um abismo rochoso. Mais tarde, ao que parece ele e um companheiro embarcaram no iate e tentaram controlá-lo, mas foram castigados pela tempestade de 2 de abril. Daquele dia até seu resgate no dia 12, o homem pouco se lembra e nem mesmo sabe quando William Briden, seu companheiro, morreu. A morte de Briden não revela nenhuma causa aparente, e foi provavelmente devido à ansiedade que sentia ou à exposição ao sol escaldante. Telegramas de Dunedin relatam que o Alert era bastante conhecido como uma embarcação comercial e tinha uma má reputação ao longo da orla. Era de propriedade de um curioso grupo de mestiços cujos encontros frequentes e viagens noturnas à floresta atraíam pouca curiosidade, e partiu com grande rapidez logo depois da tempestade e tremores de terra de 1º de março. Nosso correspondente em Auckland atribuiu ao Emma e sua equipe uma excelente reputação, e Johansen foi descrito como um homem sóbrio e digno. O almirantado instituirá uma investigação sobre o assunto a partir de amanhã, na qual serão envidados todos os esforços para induzir Johansen a falar mais sobre o que tem feito até o momento.

Isso era tudo o que a matéria de jornal dizia, além de trazer aquela imagem. Que turbilhão de ideias se iniciou em minha mente! Ali estavam novos tesouros de informações sobre o Culto a Cthulhu, com evidências de que ele tinha interesses estranhos não apenas na terra, mas também no mar. Que motivo levou a tripulação mestiça a ordenar o retorno do Emma enquanto navegavam com seu ídolo hediondo? Qual era a ilha desconhecida na qual seis membros da equipe do Emma haviam morrido e sobre a qual o segundo imediato Johansen

era tão reservado? O que a investigação do vice-almirantado revelou, e o que se sabia do culto nocivo em Dunedin? E, o mais impressionante de tudo, que ligação profunda e mais do que natural entre as datas era essa que dava um significado maligno e agora inegável às várias reviravoltas dos acontecimentos tão cuidadosamente observadas por meu tio?

No dia 1º de março (nosso dia 28 de fevereiro, de acordo com Linha Internacional de Data), chegaram o terremoto e a tempestade. De Dunedin, o Alert e sua equipe barulhenta se lançaram ansiosamente como se tivessem sido imperiosamente convocados para algo e, do outro lado da terra, poetas e artistas começaram a sonhar com uma estranha e úmida cidade ciclópica, enquanto um jovem escultor moldava, a partir de seu sonho, a forma do temido Cthulhu. Em 23 de março, a tripulação do Emma desembarcou em uma ilha desconhecida e deixou seis homens mortos; e nessa data os sonhos de um homem sensível assumiram uma vivacidade acentuada e obscureceram-se com o medo inspirado pela perseguição maligna de um monstro gigante, enquanto um arquiteto enlouqueceu e um escultor caiu de repente em delírio!

E quanto a essa tempestade de 2 de abril – a data em que todos os sonhos da cidade úmida cessaram e Wilcox saiu ileso da escravidão da estranha febre? O que dizer de tudo isso – e das insinuações sobre os Antigos Anciões, nascidos nas estrelas e enterrados no fundo do mar; seu culto fiel e seu domínio sobre os sonhos? Eu estava prestes a descobrir horrores cósmicos que vão além da compreensão dos homens? Se assim for, esses horrores devem ser apenas da mente, pois de alguma maneira o dia 2 de abril havia posto um fim a qualquer ameaça monstruosa que estivesse preparando um cerco às almas de toda a humanidade.

Naquela noite, depois de enviar alguns telegramas apressadamente e me organizar para o dia seguinte, dei adeus a meu anfitrião e peguei um trem para São Francisco. Em menos de um mês eu estava em

Dunedin, onde, no entanto, descobri que pouco se conhecia sobre os estranhos adeptos do culto que haviam permanecido nas antigas tabernas portuárias. A ralé do porto era comum demais para que pudesse ser feita alguma menção especial a ela, embora houvesse uma conversa vaga sobre uma viagem que esses mestiços haviam feito, durante a qual se notaram um som abafado de tambores e uma chama vermelha nas colinas distantes. Em Auckland, fiquei sabendo que Johansen havia retornado com seus cabelos completamente brancos, que antes eram loiros, após um interrogatório superficial e inconclusivo em Sydney. Depois disso, vendeu sua casa de campo na rua West e tomou um navio com sua esposa, tendo como destino sua antiga casa em Oslo. Contou aos amigos não mais do que dissera aos oficiais do almirantado sobre sua grande vivência no mar, e tudo o que eles podiam fazer era me dar seu endereço em Oslo.

Depois, fui a Sydney e conversei sem sucesso com marinheiros e membros do tribunal do vice-almirantado. Vi o que tinha sido vendido e agora estava em uso comercial, no Circular Quay em Sydney Cove, mas não descobri nada a respeito do grande vulto sem definição. A imagem agachada, com sua cabeça de cefalópode, corpo de dragão, asas escamosas e pedestal hieroglífico, foi preservada no Museu de Hyde Park, e eu a estudei bem por muito tempo, achando que era um objeto de acabamento extremamente refinado, com o mesmo mistério absoluto, antiguidade terrível e estranheza sobrenatural do material que eu havia notado no espécime menor de Legrasse. Os geólogos, disse-me o curador, acharam aquele um enigma monstruoso, pois juraram que o mundo não possuía outra rocha como aquela. Então pensei, com um arrepio, no que o velho Castro dissera a Legrasse sobre os Grandes Anciões: “Eles vieram das estrelas e trouxeram Suas imagens com Eles”.

Abalado por uma revolução mental como eu nunca antes havia sido acometido, resolvi visitar o segundo imediato Johansen em Oslo.

Ao chegar em Londres, fui reembarcado imediatamente para a capital norueguesa, e em um dia de outono aportei nos ancoradouros à sombra de Egeberg. Descobri que o endereço de Johansen ficava na antiga cidade do rei Harald Hardrada, que manteve vivo o nome de Oslo durante todos os séculos em que a cidade maior passou disfarçada de “Christiania”. Fiz uma breve viagem de táxi e, com o coração palpitante, bati à porta de uma construção antiga e elegante, com a frente rebocada. Uma mulher de rosto triste, vestida de preto, respondeu à minha convocação e fiquei decepcionado quando ela me disse, com um inglês hesitante, que Gustaf Johansen estava morto.

Ele não havia sobrevivido ao seu retorno, disse sua esposa, porque os feitos no mar em 1925 haviam acabado com ele. Ele não lhe contara mais do que dissera ao público, mas deixara um longo manuscrito – sobre “questões técnicas”, como ele dizia – escrito em inglês, evidentemente para salvaguardá-la do perigo de uma leitura casual. Durante um passeio por uma rua estreita perto do porto de Gotemburgo, um monte de papéis jogado de uma janela de um sótão o derrubara no chão. Dois marinheiros de Lascar o ajudaram imediatamente a ficar de pé, mas, antes que a ambulância pudesse chegar, ele já estava morto. Os médicos não encontraram uma causa adequada para sua morte e fizeram apenas duas anotações: problemas cardíacos e constituição enfraquecida.

Agora eu sentia um terror sombrio em minhas entranhas que nunca me deixará até que eu também possa descansar, “acidentalmente” ou não. Após persuadir a viúva de que minha conexão com os “assuntos técnicos” de seu marido era suficiente para me dar o direito ao manuscrito, levei-o e comecei a lê-lo no barco que me levava de volta a Londres. Era algo simples e desconexo – o esforço de um marinheiro ingênuo em um diário criado após os fatos – em que ele se esforçava para recordar, dia após dia, aquela última viagem horrível. Não posso transcrevê-lo textualmente em toda a sua nebulosidade e redundância, mas contarei o suficiente sobre sua essência para

mostrar por que o som da água contra as laterais da embarcação se tornou tão insuportável para mim a ponto de eu precisar tampar meus ouvidos com algodão.

Johansen, graças a Deus, não sabia de tudo, mesmo após ver a cidade e a Coisa, mas nunca mais voltarei a dormir calmamente quando pensar nos horrores que se escondem incessantemente por trás da vida no tempo e no espaço, e dessas blasfêmias malditas de antigas estrelas que sonham no fundo do mar, conhecidas e adoradas por um culto infernal ansioso para soltá-las no mundo sempre que outro terremoto levantar sua monstruosa cidade de pedra novamente ao contato com o ar e a luz do Sol.

A viagem de Johansen começara exatamente como ele relatara ao vice-almirantado. O em lastro, havia zarpado de Auckland no dia 20 de fevereiro, e havia sentido toda a força daquela tempestade por conta de um terremoto que deve ter levantado do fundo do mar os horrores que povoavam os sonhos dos homens. Mais uma vez sob controle, o navio estava fazendo um bom progresso quando foi confrontado pelo Alert em 22 de março, e eu pude sentir o pesar do imediato quando ele escreveu sobre o bombardeio do navio e seu subsequente naufrágio. Ele falava dos mestiços demoníacos do Alert com horror significativo. Havia alguma qualidade peculiarmente abominável sobre eles que fazia com que sua destruição parecesse quase um dever, e Johansen mostrou surpresa em relação à acusação de crueldade contra sua tripulação durante o inquérito judicial. Então, levados pela curiosidade em seu iate capturado sob o comando de Johansen, os homens avistaram um grande pilar de pedra saindo do mar e, na latitude sul 47°9', longitude oeste 126°43', achou uma linha costeira de lama e gosma misturadas, com pedras ciclópicas recobertas por nada menos do que poderia ser a substância tangível que cobriria o supremo terror da Terra – o cadáver da pavorosa cidade de R'lyeh, que foi construída incontáveis éons antes da história pelas formas vastas e abomináveis vindas de estrelas sombrias. Lá estavam

o grande Cthulhu e suas hordas, escondidos em túmulos viscosos e enviando finalmente, após eras incalculáveis, os pensamentos que espalhavam medo nos sonhos de homens sensíveis e faziam clamores imperiosos aos fiéis para que seguissem uma jornada de libertação e restauração. Johansen não suspeitava de tudo disso, mas Deus sabe que ele viu o bastante!

Suponho que apenas um único topo de montanha, a horrenda cidadela coroada de monólitos em que o grande Cthulhu foi enterrado, emergiu das águas. Quando penso na extensão de tudo o que pode estar pairando lá embaixo, quase desejo me matar imediatamente. Johansen e seus homens ficaram impressionados com a majestade cósmica da Babilônia gotejante onde habitavam demônios mais antigos, e devem ter adivinhado, sem orientação alguma, que aquilo não podia ser de qualquer planeta sadio. A perplexidade ante o tamanho inacreditável dos blocos de pedra esverdeados, pela altura estonteante do grande monólito esculpido e a identidade estupefaciente das colossais estátuas e baixos-relevos com a estranha imagem encontrada no santuário do Alert é obviamente visível em cada linha da descrição assustada do imediato.

Mesmo sem saber o que era o futurismo, Johansen alcançou algo muito próximo disso quando falou da cidade, pois, em vez de descrever qualquer estrutura ou construção definida, ele apenas deu suas impressões gerais de grandes ângulos e superfícies de pedra, grandes demais para pertencer a qualquer coisa própria ou adequada a essa terra, em um panorama impiedoso cheio de horríveis imagens e hieróglifos. Menciono o que disse sobre as angulações porque sugere algo que Wilcox me contou sobre seus terríveis sonhos. Ele dissera que a geometria do lugar que via em seus sonhos era anormal, não euclidiana e sugeria esferas e dimensões à parte das nossas. Agora, um marinheiro iletrado sentia a mesma coisa enquanto fitava a terrível realidade.

Johansen e seus homens atracaram em uma encosta de lama naquela monstruosa Acrópole e subiram por enormes blocos de pedra escorregadios que não poderiam ser obra de um mortal. O próprio sol, no céu, parecia distorcido quando visto através do miasma polarizante que saía dessa perversão encharcada de mar, e a ameaça e o suspense deformantes espreitavam maliciosamente naqueles ângulos loucos de rocha entalhada, onde um segundo olhar mostraria uma superfície côncava onde antes se via uma superfície convexa.

Algo muito parecido com o medo havia chegado a todos os exploradores antes mesmo de encontrarem qualquer coisa além de pedra, lodo e ervas daninhas. Cada um teria fugido se não receasse o desprezo dos outros, e então procuraram, sem muito entusiasmo (e em vão, como se provou ) por algum souvenir que pudesse ser levado embora.

Foi Rodriguez, o português, que subiu no sopé do monólito e gritou que o encontrara. O restante o seguiu e olhou com curiosidade para a imensa porta esculpida com o agora familiar baixo-relevo de dragão e cabeça de lula. Johansen disse que era como uma grande porta de galpão; e todos sentiam que se tratava de uma porta por causa do lintel ornamentado, do umbral e das jambas em volta, embora não conseguissem decidir se era plana como um alçapão ou inclinada como uma porta de um porão. Como Wilcox teria dito, a geometria do lugar estava toda errada. Não se podia ter certeza de que o mar e o solo eram horizontais, portanto, a posição relativa de tudo o mais parecia fantasmagoricamente variável.

Briden empurrou a pedra em várias direções, sem ter resultado. Então Donovan passou a mão delicadamente ao redor das bordas, pressionando cada ponto separadamente enquanto prosseguia. Ele subia interminavelmente pela grotesca muralha de pedra – isto é, a pessoa chamaria isso de escalada se a porta não estivesse afinal na horizontal – e os homens se perguntavam como qualquer porta no universo poderia ser tão vasta. Então, muito suave e lentamente, o



grande painel – de cerca de quatro mil metros quadrados – começou a ceder em sua parte superior, e eles viram que ficara equilibrado. Donovan deslizou ou de alguma forma se jogou para baixo ou ao longo da jamba e se juntou aos seus companheiros, e todos observaram a estranha recessão do portal monstruosamente esculpido. Nessa fantasia de distorção prismática, a porta se movia anormalmente na diagonal, de modo que todas as leis da física e da perspectiva pareciam equivocadas.

A abertura era negra, com uma escuridão quase palpável. Essa tenebridade era de fato uma qualidade positiva, pois ela obscurecia as paredes internas, e de fato explodiu como fumaça para fora do local onde havia passado éons aprisionada, escurecendo visivelmente o Sol enquanto se esgueirava para o céu encolhido e minguante em asas membranosas agitadas. O odor proveniente das profundidades recém-abertas era intolerável e, por fim, Hawkins pensou ter ouvido um som desagradável e notável lá embaixo. Todos escutaram e continuaram ouvindo o som quando Ele chegou pesadamente e, babando, mostrou sua gelatinosa imensidão verde através da porta negra no ar exterior contaminado daquela cidade envenenada de loucura.

A caligrafia do pobre Johansen quase desapareceu quando ele escreveu sobre esse assunto. Dos seis homens que nunca chegaram ao navio, ele acha que dois morreram de puro medo naquele instante amaldiçoado. A Coisa era indescritível – não há língua que possa mostrar tais abismos de loucura imemorial e estridente, tais contradições de toda a matéria, força e ordem cósmica. Uma montanha que caminhava ou se arrastava pelo chão. Deus! Qual foi a maravilha que, do outro lado da Terra, fez um grande arquiteto enlouquecer e o pobre Wilcox delirar de febre naquele instante telepático? A Coisa dos ídolos, a semente verde e pegajosa das estrelas, despertou para reivindicar seu reinado. As estrelas estavam na posição correta novamente, e o que um antigo culto não conseguiu

fazer de propósito, um bando de marinheiros inocentes fez por acaso. Depois de milhares de anos, o grande Cthulhu estava solto de novo no mundo e ávido por prazer.

Três homens foram arrastados por suas garras flácidas antes que alguém se virasse. Que descansem em paz, se é que existe alguma paz no universo. Eles eram Donovan, Guerrera e Ångstrom. Parker escorregou enquanto os outros três corriam freneticamente por sobre intermináveis planos de rochas incrustadas de algas, tentando chegar até o barco, e Johansen jura que foi engolido por um ângulo de pedra esculpida que não deveria estar ali; um ângulo agudo, mas que se comportava como se fosse obtuso. Assim, somente Briden e Johansen chegaram ao barco e subiram desesperadamente no enquanto a monstruosidade montanhosa se debatia sobre as pedras escorregadias e se agitava à beira do mar.

Como o navio ainda tinha vapor, apesar de toda a tripulação se encontrar em terra, foram necessários alguns instantes de trabalho febril, subindo e descendo entre o timão e os motores, para colocar o Alert em movimento. Lentamente, em meio aos horrores distorcidos daquela cena indescritível, a embarcação começou a agitar as águas letais, enquanto na pedra esculpida daquele costão alienígena. A Coisa titânica das estrelas babava e urrava como Polifemo fez ao amaldiçoar o navio em fuga de Ulisses. Depois, mais ousado que o célebre Ciclope, o grande Cthulhu deslizou com sua gosma na direção da água e começou a perseguir a embarcação com vastas braçadas de energia cósmica. Briden olhou para trás e enlouqueceu, soltando gargalhadas estridentes até que a morte o levasse numa noite na cabine, enquanto Johansen vagava delirando pelo navio.

Mas Johansen não havia desistido ainda. Sabendo que a Coisa certamente poderia ultrapassar o Alert até que o vapor estivesse totalmente a pleno, ele fez uma desesperada aposta e, ajustando o motor para a velocidade máxima, correu como um raio no convés e inverteu a roda do leme. Formou-se então um poderoso turbilhão de

espuma nas águas salgadas e, à medida que o vapor subia a níveis cada vez mais altos, o bravo norueguês direcionou seu navio para colidir com a criatura gelatinosa que estava acima da espuma impura como a popa de um galeão demoníaco. A horrível cabeça de lula, com os tentáculos que se contorciam, quase chegou ao gurupés da robusta embarcação, mas Johansen continuou navegando implacavelmente. Houve um estouro como se fosse uma bexiga explodindo, um material viscoso como um peixe-lua cortado ao meio, um fedor de mil tumbas abertas e um som que nem mesmo um cronista conseguiria transpor para o papel. Por um instante, o navio foi sufocado por uma nuvem verde acre e cegante, e logo não havia mais do que uma borbulha peçonhenta à popa, onde (Deus no céu!) os pedaços dispersos daquele rebento inominável estavam se reorganizando para voltar à sua odiosa forma original, enquanto sua distância aumentava a cada segundo à medida que o Alert ganhava ímpeto crescente.

Isso foi tudo. Depois, Johansen apenas meditou sobre o ídolo na cabine e cuidou de alguns assuntos relacionados a provisões para ele e o maníaco que ria ao seu lado. Ele não tentou navegar logo após essa primeira fuga ousada, pois a reação havia retirado algo de sua alma. Então veio a tempestade de 2 de abril e uma nebulosidade pairou sobre sua consciência. Houve uma sensação de turbilhonamento espectral através de golfos líquidos do infinito, de passeios vertiginosos por meio de universos cambaleantes na cauda de um cometa e de mergulhos histéricos do precipício à Lua e da Lua de volta ao precipício, todos animados por um coro dos deuses anciões distorcidos e pelos demônios com asas de morcego zombeteiros que habitam o Tártaro.

Desse sonho veio o resgate – o o tribunal do vice-almirantado, as ruas de Dunedin e a longa viagem de volta para a antiga casa no Egeberg. Ele não podia dizer nada – pensariam que ele estava louco. Ele escreveria sobre o que sabia antes de morrer, mas sua esposa não

poderia saber de nada. A morte lhe seria uma bênção caso ela pudesse apagar aquelas lembranças.

Esse foi o documento que li e o coloquei na caixa de lata ao lado do baixo-relevo e dos papéis do professor Angell. Este será meu registro – este teste de minha própria sanidade, onde está reunido o que eu espero que nunca mais seja reunido novamente. Eu vi tudo o que o universo tem em termos de horror, e desde esse dia até mesmo os céus da primavera e as flores do verão sempre serão um veneno para mim. Não acho que minha vida será longa. Assim como a vida de meu tio e como a do pobre Johansen, assim será comigo. Eu sei de coisas demais e o culto ainda vive.

Cthulhu ainda vive também, suponho, naquele abismo de pedra que o protegeu desde que o Sol era jovem. Sua maldita cidade está afundada mais uma vez, pois o Vigilant navegou sobre o local após a tempestade de abril, mas seus mensageiros na Terra ainda berram, se agitam e matam em volta de monólitos coroados por ídolos em lugares solitários. Ele deve ter ficado preso quando afundou junto de seu abismo negro, ou então o mundo estaria agora gritando de medo e frenesi. Quem sabe o final desta história? O que subiu pode afundar e o que afundou pode voltar. A repulsa espera e sonha nas profundezas, e a decadência se espalha sobre as cidades desprotegidas dos homens. Será chegada a hora – mas não devo e não posso pensar nisso! Rezo para que, se eu não sobreviver a este manuscrito, meus executores possam colocar a cautela antes da audácia e tenham cuidado para que outros olhos nunca mais possam encontrá-lo.